



Amsterdam, Holanda 2014

Vejo na TV o que eles dizem sobre o “Vista Bela” não é sério : Mídias Alternativas e Juventude

*I see on TV what they say about the “Vista Bela”, it is not serious:
Alternative Media and Youth*

Resumo

O presente artigo apresenta as atividades extensionistas aplicadas pelo grupo que compõe o Programa de Extensão intitulado “Juventude e Violência: da violação à Garantia de Direitos” da Universidade Estadual de Londrina/Paraná. Este projeto conta com apoio do MEC/SESU, e tem por objetivo identificar as necessidades de jovens em situação de vulnerabilidade social, além de atuar junto a este público por meio da adoção de uma metodologia fundamentada na investigação-intervenção. Após pesquisas preliminares realizadas na Delegacia do Adolescente de Londrina, no ano de 2013, foram identificados os bairros do município de Londrina com maior registro de violência praticada por jovens. Deste modo, as ações do programa focaram-se em atividades junto à comunidade do bairro identificado, utilizando-se de estratégias pedagógicas de caráter inclusivo e preventivo, no sentido de promover a inserção social, garantia e defesa dos direitos da população jovem. Dentre as ações, destacamos as oficinas com os adolescentes abordando as temáticas: educação e meios alternativos de comunicação.

Palavras-chave: criança e adolescente; juventude; vulnerabilidade.

Hugo Henrique Cristiano
Isabelle O. Ribeiro
Lucas da Silva Marques Luiz
Matheus Henrique de Oliveira
Tales Leon B. Sanches
Vera Lucia T. Suguhiro

Universidade Estadual de Londrina

hugohcristiano@gmail.com

Abstract

This paper presents the activities implemented by the extension group that composes the extension Program titled "Youth and Violence: from violation to guarantee of rights", of the State University of Londrina, has the support of the MEC/SESU, and aims to identify the needs of young people in social vulnerability situation and act with this audience based on a research-intervention methodology. After preliminary researches conducted at the Londrina Civil Police Department in 2013, the Program identified the neighborhoods that concentrated the highest level of violence committed by teenagers. In this way, the actions of the program was focused on activities in the community of the identified neighborhood, based on pedagogical strategies of an inclusive and preventive way, in order to promote social inclusion and the secure the defence of the rights of the young population. Among the actions, this paper highlights the workshops with teenagers with the themes: education and alternative ways of communication.

Keywords: child and teenager; youth; vulnerability.

INTRODUÇÃO

A violência praticada pelos jovens desperta o interesse de diversos setores da sociedade, inclusive das universidades por estar intimamente relacionada com as condições socioeconômicas. Isso acontece, porque, quando há um desequilíbrio entre as necessidades materiais ou simbólicas e as oportunidades oferecidas pela sociedade, mercado e Estado, ampliam-se as situações de vulnerabilidade social (Abramovay, 2002), exigindo dos jovens respostas que, dificilmente, têm condições de alterar. Neste contexto, as políticas públicas sociais têm negligenciado esta parcela da população e, muitas vezes, o ingresso precoce no mundo da criminalidade acaba, paradoxalmente, assegurando o direito à sobrevivência. Nesta perspectiva, o Estado se apresenta como parte do sistema violador que restringe o acesso da população aos direitos fundamentais, imprescindíveis para o pleno exercício de sua cidadania. Essa realidade se reflete no não cumprimento dos preceitos Constitucionais de 1988, a Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a Lei Federal nº 12.852, de 5 de agosto de 2013 (Estatuto da Juventude).

O debate em torno das questões referentes à juventude e à garantia de seus direitos, geralmente, é encarado como um fenômeno positivista de causa/efeito, que transforma a análise dessa realidade em frágil e imprecisa, legitimando um discurso higienista que busca justificativas para o fracasso das políticas públicas para este segmento da população. O exemplo mais atual é a proposta da redução da maioria penal, presente nos debates quando o tema trata de política para jovens. Isto implica em uma investigação na relação entre o jovem e a criminalidade, com base no contexto histórico e social que envolve o adolescente que comete o ato infracional.

O trabalho do Programa de Pesquisa e Extensão intitulado: “Juventude e Violência: da violação à garantia de direitos”, vinculado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, tem como objetivo identificar as necessidades de jovens em situação de vulnerabilidade e/ou com histórico relacionado à prática de ato infracional. Para tanto, se faz necessário uma intervenção apoiada em estratégias pedagógicas de caráter inclusivo e preventivo, na perspectiva de promover a inserção social na realidade em que estes jovens vivem. A atuação do Programa se dá no bairro Perobinha, onde foi implantado em 2011, o maior empreendimento da Minha Casa Minha Vida, o Residencial Vista Bela, com uma população estimada em 12 mil habitantes, no ano de 2018.

O Programa de Pesquisa e Extensão é constituído por uma equipe interdisciplinar (Arquitetura e Urbanismo, Psicologia, Serviço Social, Geografia, Direito e Comunicação), com a participação de alunos de graduação e pós-graduação, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Londrina/PR e da Universidade Norte do Paraná de Londrina (UNOPAR-PR). Este conjunto de áreas de conhecimentos vem assegurar a formação qualificada de estudantes e professores, respeitando o princípio da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão.

Deste modo, essa proposta vem sendo desenvolvida a partir de Oficinas Educativas, envolvendo jovens moradores do bairro Perobinha/Londrina/Paraná.

Buscou-se apresentar temáticas como: direitos fundamentais, acesso ao ensino superior, possibilidades para conclusão do ensino médio, acesso ao ensino profissionalizante, experiências profissionais, além de temas de natureza subjetiva, voltadas para o autoconhecimento dos adolescentes e suas expectativas futuras de vida, meios de comunicação e da mídia alternativa. No presente artigo o enfoque foi dado às oficinas relacionadas aos meios de comunicação de massa e alternativos.

MÉTODOS

A perspectiva interdisciplinar é a base para o desenvolvimento de todas as ações do Programa de Pesquisa e Extensão. Neste sentido, busca-se compartilhar os saberes das distintas áreas, de modo a garantir o processo de construção do conhecimento, para ampliar e apreender a realidade social empírica e transformá-la em um concreto pensado.

A metodologia aplicada, “investigação-intervenção”, tem sua base empírica “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (Thiollent, 2000, p. 14). Caracteriza-se, portanto, pela interação dos pesquisadores e as pessoas envolvidas nas investigações com ações, de caráter social, educativo e técnico. Cabe ressaltar, que as relações entre a equipe e os adolescentes do bairro foram pautadas por princípios de horizontalidade, no qual cada sujeito é entendido como agente modificador da realidade da qual faz parte, fundamentado no processo de uma construção social coletiva, contribuindo positivamente para o êxito do programa (Freire, 2002). Os pesquisadores não criam somente os relatórios com base em dados quantitativos, mas sim interferem na realidade do grupo, possibilitando a autonomia do mesmo.

É possível destacar três dimensões que fundamentam a investigação/intervenção que fazem parte do mesmo movimento dialético, a saber:

- a) A Dimensão Investigativa: se baseia na produção de conhecimento sobre a realidade que se pretende conhecer, criando novo objeto para nova investigação;
- b) A Dimensão Interventiva: contribui para alteração de uma determinada situação dada como problemática, busca de soluções por meio do sujeito social/político que produz tanto a atividade como os meios para realizá-la e;
- c) A Dimensão Formativa: consiste no processo de aprendizagem social envolvendo os participantes na direção da emancipação social e política.

O trabalho foi desenvolvido por meio de aproximações sucessivas, entendendo que a construção da realidade nada mais é do que um processo permanente e provisório, e para que seja possível alcançar a compreensão desta realidade, se faz necessário uma abordagem que opere entre investigação-reflexão-análise-ampliação de horizontes de informação. A provisoriidade do processo diz respeito à natureza do objeto de estudo a ser construído. Entende-se por provisoriidade, que a realidade não está dada, a sua construção se dá a partir de diferentes momentos.

O processo investigativo (Primeira Aproximação) constituiu-se no levantamento do perfil dos adolescentes em atos infracionais para sua caracterização no município de Londrina. Os dados referentes ao perfil dos adolescentes em atos infracionais, no período de 2013, foram coletados por meio do acesso aos Boletins de Ocorrência (B.O.) da Delegacia do Adolescente de Londrina/PR. Cabe ressaltar que o acesso aos dados ocorreu mediante solicitação via ofício e autorizado pelo Delegado no exercício de sua função.

Para a caracterização, levou-se em consideração aspectos relativos ao tipo de violência praticada pelo adolescente, os locais de residência e onde os atos infracionais foram cometidos. A partir das informações, os dados foram georreferenciados e localizados no mapa, conforme a divisão de bairros, segundo os critérios adotados pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL).

Com essa sistematização, foi possível identificar o bairro Perobinha com maior registro de adolescentes que cometeram atos infracionais em comparação com o número de adolescentes residentes. Tal configuração foi o que determinou a escolha do referido bairro para o desenvolvimento do Programa de Extensão/Pesquisa. Vale ressaltar que em 2012, no bairro Perobinha, foi construído o maior empreendimento imobiliário do Programa de Habitação de Interesse Social do Brasil, do Programa Federal, “Minha Casa, Minha Vida” (MCMV). O empreendimento conta com mais de 2.712 unidades habitacionais, com aproximadamente 11.000 habitantes, cuja a maioria das famílias são provenientes de ocupações irregulares em fundos de vale de regiões distintas do município de Londrina.

“Os moradores desse residencial fazem parte de um processo de desterritorialização e reterritorialização e são oriundos de diferentes localidades do município” (Faquin, Lanza & Cordeiro, 2017, p. 31).

O residencial Vista Bela foi, portanto, o maior empreendimento de moradia popular até sua implementação, mas foi também o maior exemplo de como não se deve fazer um empreendimento desta magnitude, pois não previu espaços adequados à implantação de políticas públicas como escolas, unidades de atendimento médico, espaços de convívio como praças e parques, além de não prever, também, espaços para que a economia local se sustentasse, o que ocasionou o surgimento de inúmeros empreendimentos comerciais irregulares (Vicentim, Kanashiro & Rodrigues, 2014).

O conhecimento da realidade social em que vivem os adolescentes, sujeitos do Programa, possibilitou maior aprofundamento dos estudos e melhor compreensão do contexto social vivido pelos adolescentes no bairro, de modo a contribuir com a indicação de alternativas para o enfrentamento e a busca de soluções para os problemas. Neste sentido, a estratégia utilizada foi o fortalecimento dos vínculos com os moradores da comunidade, caracterizando o início da Segunda Aproximação do Programa.

A aproximação com a comunidade se fazia necessária para a viabilização do Programa. Para tanto, buscou-se conhecer as lideranças presentes no bairro e formação de parcerias foram se constituindo. Assim, o Programa foi denominado “JUVENTUDE PELO BAIRRO”, criando uma logomarca de fácil associação com o Programa da Universidade Estadual de Londrina junto à comunidade. Foram produzidas camisetas e banner com a identificação visual do Programa, com objetivo de apresentá-lo à comunidade. Para tanto, foi organizada, em parceria com as lideranças do bairro, uma Festa Junina, com participação significativa dos moradores.

A terceira aproximação, contemplando a terceira dimensão do método aplicado (Dimensão Formativa), foi voltada diretamente aos adolescentes moradores do bairro, com a formação de um grupo com 10 integrantes, entre 12 a 16 anos, para desenvolvimento de oficinas pedagógicas, aplicadas em dois momentos distintos. No primeiro momento, as oficinas foram elaboradas com a intenção de se discutir temáticas atuais como: inserção na Universidade e o mercado de trabalho; reflexão crítica sobre os direitos fundamentais; escolhas profissionais e perspectivas para o futuro. Em segundo momento de aplicação das Oficinas, a temática abordada foi a Mídia Alternativa (foco dos resultados do presente artigo), e objetivou “capacitar os adolescentes para a construção de material audiovisual pautado no modelo das mídias alternativas”, associados a outros dois objetivos específicos: “Apresentar os meios de comunicação como influenciadores sociais” e “Introduzir a mídia Alternativa como forma possível de comunicação”. Para tanto, foram previstos, em um primeiro momento, cinco encontros, que foram realizados durante o mês de julho de 2018.

O método utilizado para as oficinas teve como base os conceitos de grupo operativo que, segundo Zimermann (2000), busca favorecer o rompimento de barreiras a mudanças em potencial (Pichon-Rivière, 1991) e promover um espaço para comunicação significativa entre os membros, conhecimento e revelação de si e contato com os próprios sentimentos, comportamentos e motivações (Yalom & Leszcz, 2006). Assim, a organização das oficinas se deu de forma a atender o caráter interdisciplinar do Programa e dar diversidade às atividades propostas.

RESULTADOS

Os resultados apresentados estão relacionados à aplicação das oficinas sobre os meios de comunicação de massa e alternativos, idealizadas a partir do primeiro contato com os jovens moradores do bairro que, por meio de seus relatos, evidenciaram a invisibilidade do adolescente morador da periferia. Por um lado, estes adolescentes não são percebidos como sujeitos cujos direitos foram violados, entretanto, ganham visibilidade negativa com a intervenção do Estado por meio de práticas repressivas, criminalizando e marginalizando os mesmos, acentuando preconceitos e estereótipos. E é devido à essa realidade invisibilizadora, fruto do trabalho desinformador da grande mídia e do senso comum da sociedade, que o presente Programa de Pesquisa e Extensão deu continuidade aos trabalhos junto ao grupo de jovens, com a temática dos meios de comunicação.

A temática teve como objetivo principal capacitar os adolescentes para

a produção de materiais que se utilizam de técnicas características das chamadas mídias alternativas. O grupo organizou Oficinas constituídas por 5 encontros, tendo como objetivos:

- a) Apresentar os meios de comunicação como instrumentos influenciadores sociais e as suas diversas versões que podem existir sobre o mesmo fato e;
- b) Introduzir as técnicas e os tipos de mídias alternativas, bem como seu potencial como forma de expressão e comunicação.

Vale ressaltar que os dois primeiros encontros foram destinados a contemplar o primeiro objetivo específico, e os demais encontros, o segundo.

No primeiro encontro, buscou-se entender o modo pelo qual os meios de comunicação influenciam o nosso cotidiano e as múltiplas versões que podem existir sobre o mesmo fato, fomentando assim, a reflexão crítica dos jovens participantes da oficina sobre o tema proposto. Para isso, as atividades foram divididas em três momentos:

- a) Aproximação dos integrantes;
- b) Introdução à temática dos meios de comunicação e;
- c) Demonstração de que um fato ou imagem pode remeter a diversos significados e versões.

Neste sentido, o primeiro momento da oficina iniciou-se com uma dinâmica na qual cada um que se apresentava tinha que dizer duas verdades e uma mentira a seu respeito. Em contraproposta, os demais teriam que tentar adivinhar qual das informações era a mentira. A dinâmica criou um clima bem descontraído no decorrer das atividades. No segundo momento, os adolescentes foram divididos em 5 duplas, cada dupla ficou com uma bexiga e, dentro de cada bexiga, existiam perguntas previamente elaboradas pelos organizadores da Oficina. As questões pretendiam guiar a discussão sobre quais tipos de mídias eles consomem e como elas influenciam o modo de vida de cada um dos adolescentes. Durante este momento, foi possível ter uma dimensão sobre o entendimento que eles possuem a respeito das formas de comunicação existentes, destaca-se a pichação como forma de expressão popular dentre os jovens, principalmente entre os habitantes das periferias urbanas das grandes e médias cidades. A pichação surge como uma forma de expressão que os jovens encontram para se representar nos espaços em que estão inseridos, criando territorialidades por meio de signos.

Outros dois pontos se destacaram, o primeiro foi a influência do funk ostentação no desejo de consumo dos jovens, desde vestimentas e adereços (como roupas de grife, tênis, pulseiras, colares, anéis, bolsas, bonés, etc.), até bebidas alcoólicas e veículos de luxo. Nota-se que, na visão dos adolescentes, o consumo surge como uma forma de garantir o reconhecimento social. O segundo destaque foi sobre a veracidade dos fatos divulgados nos meios de comunicação. Neste momento, os adolescentes problematizaram a representação que o noticiário policial local faz do bairro onde eles residem, atribuindo a fama de se tratar de um bairro violento. Logo

depois, foi introduzida a última dinâmica do encontro, em que se abordou a distorção que a “imprensa marrom” (noticiários policiais sensacionalistas) faz em relação aos fatos envolvendo os moradores das periferias, que na maioria das vezes apresentam uma opinião tendenciosa e preconceituosa com a pretensão de impressionar o público. Dessa discussão surgiu, posteriormente, o título do artigo: “Vejo na TV o que eles dizem sobre o Vista Bela não é sério”, verso que foi retirado da música “Não é sério” da banda Charlie Brown Junior e adaptado aqui, fazendo uma crítica aos meios de comunicação de massa que comumente veiculam notícias sobre os habitantes do Vista Bela de modo simplista.

No segundo dia de oficina, dividiu-se a dinâmica em duas partes. A primeira consistia em identificar o emprego de discursos tendenciosos envolvendo o mesmo fato com indivíduos de classes sociais diferentes. Trouxemos duas matérias do mesmo veículo midiático (G1 - Portal de notícias do Grupo Globo), envolvendo o mesmo tipo de crime (tráfico de drogas, art. 33 da Lei 11.343/2006). Em um dos casos, os jovens apreendidos moravam na Tijuca, Zona Sul do Rio de Janeiro, no qual a manchete relata que: “Polícia prende jovens de classe média com 300 quilos de maconha no Rio”. No outro caso, a equipe jornalística retrata o jovem de periferia como traficante, mesmo portando uma quantidade menor da mesma droga, quando comparado com o caso anterior: “Traficante é preso com 10kg de maconha”. A intenção era mostrar a iniquidade do veículo midiático para com os indivíduos que possuem condições socioeconômicas distintas.

Já na segunda parte da dinâmica, trabalhou-se com a interpretação da música “A Vítima” do grupo “Racionais MC’s”. A música é um relato do acidente sofrido pelos membros do grupo, causando a morte de um dos ocupantes do veículo em que eles colidiram. Na época, a mídia condenou os músicos envolvidos, noticiando que eles estavam sob efeito de álcool e drogas, no momento do acidente. Como resposta, o grupo gravou a música falando a versão deles sobre o caso. A letra da música é carregada de sensibilidade e arrependimento, além de contrariar a versão distorcida da mídia sobre o caso. Levando em consideração o contexto da música, foi proposto aos jovens que eles criassem uma manchete relatando o fato descrito na música, como se fossem os jornalistas responsáveis por noticiar o ocorrido.

A maioria das manchetes e textos jornalísticos elaborados pelos adolescentes buscava expressar imparcialidade, no entanto refletiam a subjetividade dos autores. Uma das participantes da oficina destacou o fato da esposa da vítima estar grávida: “Dia 14 de outubro de 1994 capotou um carro na marginal que deixou um morto. A vítima deixou a mulher e seu filho que ela esperava.” Outros deram destaques para o envolvimento dos músicos no acidente: “Rappers brasileiros se envolvem em acidente! Por volta da 1 da manhã, do dia 14 de outubro de 1994, o grupo conhecido como Racionais MC’s se envolve em um grave acidente, uma pessoa morre, integrantes do grupo saem com poucos ferimentos.” Apenas um dos adolescentes inventou a posse de drogas dos músicos no momento do acidente, conforme manchete: “Fusca bate em ônibus e mata 5 pessoas e o carro estava com 5 quilos de maconha.” Esta

atividade interpretativa possibilitou mostrar, a partir de exemplos concretos, a intencionalidade presente em uma notícia, a qual é influenciada pelos interesses dos grupos que a veiculam.

No terceiro dia de oficina, buscou-se apresentar os tipos de mídias alternativas, bem como suas respectivas técnicas, ressaltando seu potencial como um importante propagador de informações. Santos (2014) ressalta que “a influência das técnicas sobre o comportamento humano afeta sua maneira de pensar” (p. 186). Em seguida foi introduzida a fotografia como uma forma possível de transmitir uma visão de mundo. Alguns ensaios fotográficos de temas diversos e técnicas básicas de fotografia foram apresentados aos jovens, como a composição da fotografia (arranjo dos elementos na foto), iluminação e enquadramento. Foi criado um perfil coletivo na rede social "Instagram" com a finalidade de divulgar as fotos que viriam a ser capturadas na atividade subsequente.

Para aplicar as técnicas dividiu-se os participantes em 2 trios e 2 duplas, sendo que cada adolescente utilizaria seu próprio celular (a intenção era trabalhar com ferramentas acessíveis aos jovens), empregando as técnicas fotográficas pelo Campus da Universidade. Dentre as fotos, alguns preferiram representar os elementos naturais da paisagem, como as árvores, o céu, as nuvens e o sol, outros preferiram captar elementos humanos, como as construções, as pessoas e a dinâmica da vida no campus. Por fim, todos se deslocaram ao Centro de Educação Física e Esportes da universidade (CEFE), onde os membros do Programa e os adolescentes participantes da oficina jogaram uma partida de futebol e fizeram um lanche em comemoração ao aniversário de um dos adolescentes. Nota-se que esses momentos de lazer e descontração são importantes para reforçar a relação interpessoal do grupo com os jovens.

O planejamento do quarto encontro foi alterado, a pedido dos jovens o grupo convidou o fotógrafo e grafiteiro Felipe Matos, autor de um dos ensaios apresentados no encontro anterior. Sua abordagem consiste em desenvolver atividades que promovam maior reciprocidade entre o fotógrafo e o fotografado. A participação do fotógrafo foi importante na medida em que demonstrou aos adolescentes a amplitude do potencial comunicativo que a fotografia possui.

Ainda nesta atividade, foi distribuído aos participantes uma cartilha confeccionada pelos membros do Programa, contendo diferentes tipos de mídias alternativas, tais como: as rádios comunitárias, os influenciadores digitais (como os youtubers) e o “fanzine”. Cada uma destas mídias possuem um formato distinto, que vai de uma confecção que engloba técnicas rudimentares a técnicas mais avançadas, ambas relativamente acessíveis.

O quinto dia de oficina foi realizado no Residencial Vista Bela. O formato midiático abordado foram filmagens nos celulares para a confecção de pequenos vídeos. Foi apresentado o documentário “Desconstruindo” produzido por Anna Paula Prado e lançado em 2016, esse material tem como temática a identidade e aceitação de mulheres com cabelos crespos e cacheados e foi utilizado a fim de servir como exemplo de técnicas de filmagens no formato de entrevista. A equipe tratou um pou-

co sobre a escolha do tema e as técnicas de filmagem como: montagem de roteiro, enquadramento, áudio e iluminação. Os adolescentes demonstraram interesse em criar um material audiovisual sobre as oficinas, no qual cada dupla de adolescentes escolheu um dia de oficina específico para comentar. Foi feito um rodízio entre os entrevistados e os responsáveis pelo manuseio da câmera e do microfone, sempre com algum membro do Programa dando o suporte. Ao final do dia, a oficina seguiu-se para a Universidade Estadual de Londrina onde o Projeto promoveu a exibição do documentário “Nossos mortos têm voz”, dos diretores Fernando Sousa e Gabriel Barbosa, lançado no ano de 2018 pela Quiprocó Filmes. O documentário trata do drama de mães da Baixada Fluminense que tiveram seus filhos mortos pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Um dos diretores, Fernando Sousa (cineasta e mestre em Ciências Sociais pela UERJ), promoveu o debate com o público presente. A experiência foi muito enriquecedora para os adolescentes, visto que, os incentivou a sugerir a continuidade da oficina para a elaboração de outros materiais audiovisuais, com uma temática voltada para o cotidiano do bairro onde vivem.

Freire (2002) destaca que ensinar supera a simples transferência de conhecimento. Criar as possibilidades para incentivar a produção e construção do conhecimento, de modo a proporcionar o desenvolvimento da autonomia e da criticidade no indivíduo, sendo este, o principal objetivo do ensinar. Neste sentido, a construção coletiva e o uso integrado das múltiplas linguagens que englobam as mídias alternativas, promovem conhecimentos socialmente relevantes, possibilitando o reconhecimento dos adolescentes como sujeitos ativos desta construção. Vale ressaltar, que os meios de comunicação devem contribuir com a valorização da diversidade cultural, a promoção dos direitos humanos, no acesso à informação de maneira democrática e no combate a todo tipo de violência e desigualdade social, cumprindo sua função social.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

O Programa de Extensão/Pesquisa tem caráter preventivo e inclusivo. As oficinas foram realizadas no bairro Perobinha do município de Londrina/Paraná, cujos adolescentes e jovens pertencem a uma comunidade com vulnerabilidade social e risco pessoal. A proposta das Oficinas foi garantir o acesso às informações, com a possibilidade de formular opiniões críticas sobre as próprias vivências, assim como, desenvolver a autonomia dos adolescentes para que tenham melhores oportunidades de inserção e atuação na sociedade. A formação e a divulgação de dados já consolidados pelo Programa contribui para o aprofundamento do debate público e a busca de maior envolvimento da sociedade com o tema apresentado. Embora o bairro não apresente uma infraestrutura adequada para garantir os direitos fundamentais da população jovem, a atuação de uma universidade ganha visibilidade social e política, na medida em que se cumpre a responsabilidade e a função social da mesma.

Na adolescência, fase de muitas mudanças, é cobrado pela sociedade que

o indivíduo comece a tomar muitas decisões, referentes à conquista de dinheiro, emprego, profissão, consumo, entre outros. Tais circunstâncias, não raramente, confundem os jovens e prejudicam as decisões que serão tomadas na sua formação. Nesse sentido, as oficinas tiveram um papel fundamental em discutir as questões inerentes à realidade dos adolescentes, oferecendo subsídio informativo, de modo que pudessem refletir criticamente acerca da própria realidade e de como agir para transformá-la. Colocar o jovem e o adolescente no centro do debate, em um ambiente informal que promove o diálogo, nos leva a concluir que os adolescentes puderam repensar seu lugar como sujeitos de direitos e principais agentes na definição do rumo de seu destino. Para o adolescente que mora na periferia, tarefas cotidianas podem se tornar ainda mais difíceis frente às situações econômicas desfavoráveis desta população que sofre preconceito social e repressão constante, através de estereótipos, tais como, “delinquentes” e “marginais”, anulando sua história. São sintomas de segregação forçada, que mascaram a verdadeira condição de vida destes jovens e promovem o sentimento de angústia e derrotismo. A mídia e o Estado retroalimentam esses discursos presentes na sociedade tratando os adolescentes como problemas isolados, não reconhecendo um contexto maior de privação material, cultural, afetiva e de direitos, e se isentando da responsabilidade de construir e manter políticas públicas efetivas para os adolescentes e jovens (Trassi & Malvasi, 2010).

Os riscos e as condições de vulnerabilidade que a população da periferia experimenta são alguns dos motivos da entrada precoce dos jovens no mundo do crime e da violência. O ambiente perverso em que vivem é agravado pela escassez financeira da família que, na maioria das vezes, têm os filhos como provedores. Os jovens que residem no Vista Bela ainda enfrentam problemas relacionados ao desemprego, baixo grau de escolaridade e condições materiais precárias, dificultando inserção no mercado formal de trabalho.

A complexidade da conjuntura que envolve o morador da periferia, o jovem, em especial, é tratado como caso de polícia, associados às drogas, ao crime e à violência. Esta configuração está impregnada no imaginário da sociedade, construída com a colaboração dos grandes meios de comunicação (o que evoca novamente o motivo para o título do presente artigo). O tratamento do público jovem tem se dado no campo da criminalização, cujas políticas públicas de intervenção junto a este segmento tem se baseado na cultura punitiva, acentuando ainda mais os preconceitos e os estereótipos a esse grupo etário.

Há uma ‘invisibilidade perversa’ (Sales, 2004) do adolescente em situação de vulnerabilidade social. São sujeitos privados de seus direitos fundamentais que, contraditoriamente, só ganham visibilidade quando se tornam vítimas da política pública repressiva do Estado. Essa realidade invisibilizadora ocasionado pela mídia e pelo senso comum da sociedade conservadora, faz com que os jovens busquem alternativas viáveis e atraentes para ganhar visibilidade como cidadãos e sujeitos de direitos, com capacidade de participar de uma sociedade de mercado.

O Programa de Extensão/Pesquisa teve como objetivo final apresentar aos

órgãos públicos tanto em nível estadual como municipal, subsídios para a formulação de políticas públicas para a juventude e, principalmente, por meio do exercício de reflexão crítica, municiar os jovens para que possam atuar como sujeitos sociais e políticos em seus espaços de convivências, capazes de assumir o protagonismo de suas próprias histórias, construindo a história que querem viver.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, Miriam. (2002). Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas. Brasília: UNESCO/BID.
- Ciampa, A. C. (1987) A estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- Faquin, E. S., Lanza, L. M. B. & Cordeiro, S. M. A. (2017). In Rizzotti, M. L. A., Cordeiro, S. M. A. & Pastor, M. (Orgs.), Gestão de Políticas Sociais: território usado, intersetorialidade e participação. (1a ed.). (pp. 25-60). Londrina: Eduel.
- Freire, P. (2002). Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm
- Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - SISNAD. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm
- Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm
- Pichon-Rivière, E.(1982). Teoria do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes.
- Sales, M. A. (2004). (In)Visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.8.2005.tde-06122005-171140. Recuperado em 2019-01-08, de www.teses.usp.br
- Santos, M. (2014). A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp.
- Souza, M. L. de. (2009). A “nova geração” de movimentos sociais urbanos e a nova onda de interesse acadêmico pelo assunto. Cidades, 6(9), 9-26.
- Thiollent, M. (2000) Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- Trassi, M. D. L & Malvasi, P. A, (2010) Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência. São Paulo: Cortez.
- Vicentim, T., Kanashiro, M. & Rodrigues, E. R. (2014, novembro). Surgimento do comércio em empreendimentos habitacionais de interesse social. Anais do Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Maceió, AL, Brasil, 15. Recuperado de http://www.infohab.org.br/entac2014/artigos/paper_395.pdf
- Yalom, I. D. & Leszcz M. (2006). Psicoterapia de grupo: teoria e prática. Porto Alegre: Artmed
- Zimmerman, D. (2000). Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre, RS: Artmed.

AGRADECIMENTOS

À Comunidade do Residencial Vista Bela; Ao Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Ministério da Educação vinculado à Secretaria da Educação Superior (2015); À Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Estado do Paraná, por meio da Fundação Araucária - PR; Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Universidade Estadual de Londrina - PR.